

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

19 de Dezembro de 2023

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

TOM AND JERRY / 1955

Argumento: Mary McCarthy (não creditada na cópia) / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto e branco): Alfred Gilks / *Direção artística:* Maurice Vaccarino / *Montagem:* Bert Jordan / *Som:* Jack Goodrich, Joel Mors / *Interpretação:* Peter Lawford (*Peter Macy*), Nancy Gates (*Terry Macy*), Frank Fay (*o padre*), Mary Windsor (*Lola*), Charles Herbert (*Tommy Macy*), Arthur O'Bryan (*o juiz*).

Produção: Hal Roach Studios / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 25 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

MEET THE GOVERNOR / 1955

Argumento: Leo McCarey / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Alfred Giks / *Cenários, figurinos e música:* não identificados / *Montagem:* Bert Jordan / *Som:* Edward Levinson, Joel Mors / *Interpretação:* Herb Shriner (*Clem Waters*), Barbara Hale (*June Waters*), Bobby Clark (*Sonny Waters*), Paul Harvey (*o governador*), Claude Allister (*o mordomo*) e outros

Produção: Hal Roach Studios / *Cópia:* digital (transcrita do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 25 minutos / *Estreia mundial:* 8 de Outubro de 1955 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de Leo McCarey

A *política dos autores* lançada pelos *Cahiers du Cinéma* nos anos 50 e que ajudou a mudar o curso da “sétima arte” e da sua História foi um brilhante paradoxo, já que em Hollywood quem mandava eram os produtores e o realizador raramente controlava o argumento e a montagem, apesar de muitos cineastas terem uma autêntica especificidade temática e formal. Muitos ficaram de fora dos escolhidos, caso de Leo McCarey que ao longo da sua longa carreira nem sempre foi considerado um cineasta de grande envergadura (e, de facto, as suas comédias não atingem certamente o nível das de Hawks ou Lubitsch), embora vários dos seus filmes fossem célebres (por exemplo, **Viagem a Tóquio**, de Ozu, teve como ponto de partida **Make Way for the Young**). Na ultra-cinéfila e ultra-autorista França McCarey só teve verdadeiro reconhecimento autoral nos anos 80, trinta anos depois da *política dos autores*, quando “maccarrê” passou a ser citado como exemplo por cineastas como Jacques Davila, Gérard Frot-Coutaz ou (por estranho que possa parecer) Jean-Claude Biette, ao passo que em **Travelling Avant** (1987), de Jean-Charles Tacchella, um triângulo amoroso entre cinéfilos parisienses, um dos personagens diz a dada altura que “isto parece uma cena de McCarey”, num belo anacronismo, pois o filme se passa em 1948, mas os seus personagens têm referências de meados dos anos 80. Fora do radar dos *autoristas* nos anos 50 (era, de facto, mais urgente demonstrar que Hitchcock era um grande mestre), o nome de McCarey acabou por ser detectado depois dos seus filmes o terem sido e, como tantos outros, foi objeto de alguns delírios críticos.

Os dois filmes de televisão que compõem este programa foram os seus únicos trabalhos para o pequeno ecrã e foram realizados entre o famigerado **My Son John** e o celebrado **An Affair to Remember**, este último protagonizado por duas vedetas, o que indica que, contrariamente ao que se passou com outros realizadores, a incursão de McCarey pela televisão não foi um sinal de declínio profissional. No entanto, o grau de adesão do

espectador a estas duas meias horas dependerá talvez do seu próprio grau de *autorismo*, da vontade de extrair dos filmes virtudes que pertencem a outras obras do realizador e não daquelas que estão diante dos seus olhos. Como tudo o que sai da televisão, são dois objetos modestos do ponto de vista formal (limitadíssima escala de planos, raríssimos movimentos de câmara, cenários elementares e todos de interior) e tremendamente conservadores do ponto de vista moral, com a ação de sacerdotes salvando um casamento abalado e reconstruindo um que fora destruído. McCarey, no entanto, sem dúvida consciente de que na televisão tudo se baseia no argumento e quase nada na *mise en scène*, filma argumentos cheios de situações-tipo (quiproquós conjugais, intrigas provincianas e a grande paixão hollywoodesca que são as cenas de tribunal) para torcê-las de modo irónico, embora não anárquico, de modo a que o espectador ria diante da sua televisão enquanto digere o jantar, mas não se esqueça dos santos princípios que formam a base da sociedade: conjugalidade e religião. Os dois filmes terminam com a reconciliação do casal, depois de um derradeiro monólogo proferido pelo filho criança, de modo a que o espectador e os pais da dita criança fiquem comovidos e instruídos.

O filme que abre a sessão, cujo título, **Tom and Jerry** é uma divertida alusão a uma das melhores e mais célebres séries de animação americanas, eterna guerra entre um gato burro e um rato esperto (isto é, no caso do filme de McCarey, um marido e a sua ex-mulher), tem laivos de autêntica lição de moral, servida num molho relativamente *light*: “o senhor é um homem demasiado bom para não romper uma paixoneta tola” (isto é, feita de sexo sem filhos) diz um juiz ao protagonista, como se o principal interessado não soubesse o que é bom para ele. A narrativa começa e termina exatamente no mesmo espaço e na mesma época do ano (o Natal, claro está), o que é uma maneira hábil de indicar que os acontecimentos se estendem durante um ano e que tudo vai acabar quase como começou. Esta era a regra nas *screwball comedies* dos anos 30 e fica-se a imaginar o que um argumento como estes daria num daqueles filmes e não na provinciana modéstia televisiva.

Meet the governor também retoma, sob um fundo de campanha eleitoral, uma situação típica da *light comedy* e da *screwball comedy* dos anos 30: os quiproquós narrativos e conjugais que fazem com que os personagens estejam divorciados sem que o saibam ou em estado de bigamia, também sem que o saibam. Embora o cinismo daqueles filmes fosse impensável na televisão dos anos 50, o tom é alegre, o que torna especialmente exasperante a ofensa televisiva perpetrada pelos produtores: aquelas abomináveis risadas gravadas a meio da ação, que vêm literalmente dizer ao espectador que esta ou aquela situação é divertida, como se ele fosse incapaz de perceber sozinho. O melhor achado do argumento é o paralelo estabelecido entre o discurso de renúncia de Eduardo VIII, “*para casar com a mulher que amo*” e o discurso do governador eleito do filme, para dizer a mesma coisa. Antes deste trecho, nada indicava que a ação se passava em 1937 e não em 1955, ano da realização. Mistura de ato falhado e caso pensado, este *gag* mostra que Leo McCarey sabia que uma história como esta teria convindo às mil maravilhas ao cinema americano dos anos 30.

Antonio Rodrigues